

Henry Miller

SEXUS

prefácio de
João Palma-Ferreira

tradução de
Adelino dos Santos Rodrigues

LIVROS DO BRASIL

Devo tê-la conhecido numa quinta-feira à noite, no salão de baile. Na manhã seguinte, após uma ou duas horas de sono, apresentei-me ao trabalho com um ar de sonâmbulo. O dia passou como um sonho. Depois de jantar, deitei-me no sofá e só acordei, completamente vestido, cerca das seis da manhã. Sentia-me inteiramente refeito, de coração puro e obcecado por uma ideia: tê-la, custasse o que custasse. Enquanto atravessava o parque a pé, debati comigo mesmo o gênero de flores que lhe deveria enviar com o livro que lhe prometera (*Winesburg, Ohio*). Ia a caminho dos trinta e três anos, a idade de Cristo crucificado, e abria-se à minha frente uma vida totalmente nova, se tivesse a coragem de arriscar tudo. A verdade, porém, é que não tinha nada a arriscar, pois encontrava-me no primeiro degrau da escada e não passava de um falhado em toda a aceção da palavra.

Era sábado de manhã, e o sábado fora sempre o melhor dia da semana para mim. Renasço para a vida quando os outros caem de fadiga, a minha semana começa no dia de descanso judaico. Claro que não me passava pela cabeça que aquela viria a ser a grande semana da minha vida e duraria sete longos anos. Sabia apenas que o dia era auspicioso e importante. Dar o passo fatal, atirar tudo às urtigas, é em si mesmo uma emancipação: não pensava, sequer, nas consequências. Render-se absoluta e incondicionalmente à mulher amada é quebrar todos os laços menos o mais terrível de todos: o de não a perder.

Passsei a manhã a pedir dinheiro emprestado a este e àquele, mandei o livro e as flores e depois sentei-me a escrever-lhe uma longa carta, para ser entregue por mensageiro especial. Dizia-lhe que lhe telefonaria de tarde. Ao meio-dia saí do escritório e fui para casa. Sentia-me tremendamente

inquieta, quase febril de impaciência. Foi uma tortura esperar até às cinco horas. Voltei ao parque, alheio a tudo enquanto caminhava às cegas pelos relvados, até ao lago, onde as crianças brincavam com barcos. Ao longe tocava uma banda, que me despertou recordações da infância, sonhos sufocados, anseios, remorsos. Encheu-me as veias uma revolta opressiva e apaixonada. Pensei em certos grandes vultos do passado, em tudo quanto já tinham realizado com a minha idade. As ambições que porventura tivera haviam desaparecido; nada mais desejava do que colocar-me inteiramente nas mãos dela. Desejava acima de tudo ouvir-lhe a voz, saber que ainda estava viva, que não me esquecera já. Poder, dali em diante, meter diariamente uma moeda na ranhura, ouvi-la dizer olá — isso, e isso apenas, era tudo quanto ousava esperar. Se ela mo promettesse e cumprisse a promessa, não interessaria o que acontecesse.

Telefonei-lhe às cinco horas em ponto. Uma voz estranhamente triste e desconhecida informou-me de que ela não estava em casa. Tentei averiguar quando chegaria, mas desligaram. A ideia de que se encontrava fora do meu alcance enlouqueceu-me. Telefonei à minha mulher e disse-lhe que não iria jantar. Recebeu o aviso com o ar enfasiado do costume, como se de mim nada mais esperasse do que decepções e adiamentos. «Sufoca de raiva, cadela», disse para comigo, enquanto desligava. «Pelo menos sei que não te quero, que não quero nenhuma parcela de ti, viva ou morta.» Ia a passar um elétrico aberto e saltei para ele, sem pensar sequer no destino que levava, e dirigi-me para o banco da retaguarda. Viajei um par de horas, mergulhado num transe profundo, e quando dei por mim identifiquei uma loja de gelados árabe, perto da zona ribeirinha, apeei-me, caminhei até ao cais e sentei-me num rolo de corda, a olhar para o rendilhado da ponte de Brooklyn. Teria de deixar passar algumas horas antes de me atrever a ir ao salão de baile. Olhava sem ver para a margem oposta e os meus pensamentos vogavam incessantemente, como um barco desgovernado.

Quando por fim me dominei e parti, cambaleante, sentia-me como um homem anestesiado que conseguira escapar-se da mesa de operações. Embora tudo me parecesse familiar, nada fazia sentido; eram precisos séculos para coordenar um punhado de impressões simples, que por um

cálculo instintivo normal se traduziriam em mesa, cadeira, prédio, pessoa. Os edifícios esvaziados dos seus autómatos são ainda mais desolados do que túmulos, e as máquinas inativas criam um vazio mais profundo do que a própria morte. Sentia-me como um fantasma a movimentar-se no vácuo. Sentar-me, parar e acender um cigarro, não me sentar, não fumar, pensar ou não pensar, respirar ou deixar de respirar, eram uma e a mesma coisa. Cai morto e o homem que vem atrás passa-te por cima; dispara um revólver e outro homem disparará contra ti; grita e acordarás os mortos, os quais, por estranho que pareça, também têm pulmões fortes. O trânsito segue agora para este e oeste; daqui a um minuto seguirá para norte e sul. Processa-se tudo cegamente de acordo com as normas e ninguém chega a lado algum. Guinam e cambaleiam a entrar e a sair, e a subir e a descer, uns desaparecem como moscas e outros investem como mosquitos. Come de pé com máquinas automáticas, alavancas, moedas engorduradas, celofane engordurado, apetite engordurado. Limpa a boca, arrota, palita os dentes, inclina o chapéu, caminha pesadamente, escorrega, cambaleia, assobia, estoira os miolos. Na próxima vida serei um abutre e alimentar-me-ei de carniça suculenta: empoleirar-me-ei no telhado dos edifícios altos e mergulharei como uma bala assim que me cheirar a morte. Assobio uma música alegre; as regiões epigástricas estão em paz. *Olá, Mara, como estás?* E ela sorrir-me-á com o seu sorriso enigmático, envolver-me-á num abraço terno. Isto acontecerá num vácuo sob fortes projetores, com três centímetros de intimidade a desenhar um círculo místico à nossa volta.

Subo os degraus e entro na pista, no grande salão de baile dos adeptos do exercício sexual ambíguo, agora inundado por uma quente luminosidade de *boudoir*. Os fantasmas valsam numa suave névoa, de joelhos levemente dobrados, quadris tensos, tornozelos a nadar em safira em pó. Entre o ritmo da bateria ouço o clangor da ambulância, em baixo, depois carros dos bombeiros e a seguir sereias de carros da Polícia. A valsa é perfurada de angústia, buraquinhos de bala deslizam pelas rodas dentadas da pianola cujo som é abafado porque ela se encontra a quarteirões de distância, num edifício em chamas e sem escadas de incêndio. Mara não está na pista. Talvez esteja deitada a ler um livro, ou talvez esteja a fazer amor

com um pugilista, ou talvez corra como louca por um campo de restolho, com um pé calçado e outro descalço, afanosamente perseguida por um tipo chamado Maçaroca. Onde quer que ela esteja eu encontro-me mergulhado numa escuridão total; a sua ausência apaga-me.

Pergunto a uma das raparigas se sabe quando Mara chegará. *Mara?* Nunca ouviu falar dela. Como poderia saber fosse o que fosse acerca de alguém se tem aquele emprego apenas há cerca de uma hora e sua como uma égua debaixo de seis mantas de lã forradas de velo? Não lhe ofereço uma dança? Perguntará pela tal Mara a uma das outras pequenas. Dançamos umas voltas de suor e água de rosas, enquanto a conversa descamba para calos, joanetes e veias varicosas e os músicos espreitam pela névoa de *boudoir* com olhos gelatinosos e rosto franzido num sorriso petrificado. Aquela rapariga, ali, Florrie, talvez me saiba dizer alguma coisa acerca da minha amiga. Florrie tem boca grande e olhos de lápis-lazúli e está fresca como um gerânio, apesar de ter acabado de chegar de um festival de fornicção que durou a tarde inteira. Florrie sabe se Mara chegará em breve? Não lhe parece... não lhe parece que ela apareça, naquela noite. *Porquê?* Crê que tem um encontro com alguém. Será melhor perguntar ao «Grego»; ele sabe tudo.

O «Grego» diz que sim, que Miss Mara virá... sim, é só esperar um bocadinho. Espero, e espero e torno a esperar. As raparigas fumegam, como cavalos a suar num campo de neve. Meia-noite. Nem sinais de Mara. Encaminho-me vagarosamente, relutantemente, para a porta. Um rapaz porto-riquenho abotoa a braguilha, no último degrau.

No metropolitano, avalio a minha visão lendo os anúncios do extremo da carruagem. Interrogo o meu corpo, para saber se estou isento de alguma das mazelas que constituem a herança do homem civilizado. Tenho mau hálito? Palpitações cardíacas? Pé chato? Articulações inchadas pelo reumatismo? Sinusite? Piorreia? E a respeito de prisão de ventre? Ou daquela sensação de fadiga depois do almoço? Não tenho enxaqueca, acidose, catarro intestinal, lumbago, bexiga flutuante, calos ou joanetes, veias varicosas? Tanto quanto sei, estou são como um pero, e todavia... Bem, a verdade é que sinto a falta de qualquer coisa, de qualquer coisa vital...

Estou apaixonado, doente de amor. Mortalmente doente. Uns pozhinhos de caspa e morrerei como um rato envenenado.

O meu corpo pesa que nem chumbo quando o atiro para a cama. Mergulho imediatamente no mais fundo abismo do sonho. Este corpo, que se transformou num sarcófago com pegadas de pedra, jaz perfeitamente imóvel, mas o sonhador evola-se dele como um vapor, para circumnavegar o mundo. O sonhador procura em vão um molde e um formato que se adaptem à sua essência etérea. Como um alfaiate celestial, prova corpo após corpo, mas assentam-lhe todos mal. Por fim vê-se obrigado a regressar ao seu próprio corpo, a reassumir a forma de chumbo, a tornar-se prisioneiro da carne, a continuar a viver em torpor, tormento e tédio.

Domingo de manhã. Acordo fresco como uma alface. O mundo estende-se à minha frente, invicto, imaculado, virgem como as regiões árticas. Emborco um pouco de bismuto e cloreto de cálcio para me libertar dos últimos vapores plúmbeos da inércia. Irei direito à casa dela, tocarei à campainha e entrarei. Aqui estou, aceita-me ou mata-me à punhalada. Apunhala o coração, apunhala o cérebro, apunhala os pulmões, os rins, as vísceras, os olhos, os ouvidos... Se um só órgão ficar vivo estás condenada — condenada a ser minha, minha para sempre neste mundo e no seguinte e em todos os mundos futuros. Sou um bandido do amor, um escalpador, um assassino. Sou insaciável. Como cabelo, cerume repugnante, coágulos de sangue, tudo e seja o que for a que chames teu. Mostra-me o teu pai com os seus papagaios de papel, os seus cavalos de corrida, as suas borlas para a ópera: comê-los-ei a todos, a todos engolirei vivos. Onde está a cadeira onde te sentas, onde está o teu pente preferido, a tua escova de dentes, a tua lima das unhas? Passa-os para cá, para que os possa devorar de uma só vez. Dizes que tens uma irmã mais bonita do que tu. Mostra-ma, quero arrancar-lhe a carne dos ossos com a língua.

A caminho do oceano, a caminho do pântano onde foi construída uma casinha para incubar um ovinho que, depois de assumir a forma adequada, recebeu o nome de Mara. Parece impossível que uma simples gótica expelida pelo pénis de um homem tenha produzido resultados tão espantosos! Creio em Deus Pai, em Jesus Cristo seu único Filho, na

abençoada Virgem Maria, no Espírito Santo, em Adão Cádmi, no cromíquel, nos óxidos e mercurocromos, nas aves aquáticas e nos agriões, em ataques epiléticos, em pestes bubónicas, em conjunções planetárias, em pegadas de galinha e arremesso de pau, em revoluções, em descida de ações, em guerras, tremores de terra e ciclones, em Kali Yuga e no hula-hula. *Creio. Creio.* Creio porque não acreditar é ficar como chumbo, é jazer estendido e rígido, sempiternamente inerte, é definhar...

Olho para a paisagem contemporânea. Onde estão os animais dos campos, as searas, o estrume, as rosas que desabrocham no meio da corrupção? Vejo carris de caminho de ferro, bombas de gasolina, quarteirões de prédios de cimento armado, vigas de ferro, chaminés altas, cemitérios de automóveis, fábricas, armazéns, oficinas de costura, lotes vagos de terreno. Não se lobra uma cabra, sequer. Vejo tudo claro e nitidamente, e o que vejo significa desolação e morte, morte perpétua. Há trinta anos que carrego a cruz de ferro da servidão ignominiosa, servindo mas não acreditando, trabalhando mas não recebendo salário, descansando mas não conhecendo a paz. Porque hei de acreditar que tudo mudará subitamente só por a ter, só por amar e ser amado?

Nada mudará, a não ser eu.

Ao aproximar-me da casa vejo uma mulher no quintal, a estender roupa. O seu perfil está virado para mim; é, sem dúvida, a cara da mulher de voz desconhecida, que falou comigo pelo telefone. Não quero travar conhecimento com ela, não quero saber quem é, não quero confirmar o que suspeito. Contorno o quarteirão e quando volto à porta ela desapareceu. Não sei porquê, a minha coragem foi-se, também.

Toco à campainha, hesitante. A porta abre-se, ato contínuo, de repelão, e o corpo de um jovem alto e ameaçador bloqueia a entrada. Ela não está, não sabe quando voltará, quem é você, que lhe quer? Então adeus e, zás!, a porta bate-me na cara. Hás de arrepender-te disto, meu rapaz. Um dia voltarei com uma caçadeira e rebento-te os testículos... É, então, isso! Todos na defensiva, todos avisados, todos ensinados a mostrarem-se esquivos e evasivos. Miss Mara nunca está onde se espera que esteja, nem ninguém sabe onde seria de esperar que estivesse. Miss Mara habita

os ares: cinza vulcânica arrastada para aqui e para ali pelos ventos alísios. Derrota e mistério no primeiro dia do ano sabático. Domingo tenebroso entre os Gentios, entre a parentela do nascimento accidental. Morte a todos os pagãos cristãos! Morte ao falso *statu quo*!

Passaram alguns dias sem qualquer sinal de vida da parte dela. Nesses dias sentava-me na cozinha, depois de a minha mulher se retirar, e escrevia-lhe cartas enormes. Morávamos então num bairro morbidamente respeitável e ocupávamos a cave e o rés do chão de uma lúgubre casa de arenito. Às vezes tentava escrever, mas a soturnidade que a minha mulher criava à sua volta era superior às minhas forças. Só uma vez consegui quebrar o encanto que ela lançara sobre a casa: durante um febrão que se prolongou por diversos dias em que recusei ser visto por um médico, tomar qualquer remédio e alimentar-me. Deitado na cama larga, ao canto do quarto do rés do chão, lutei com um delírio que ameaçava terminar com a morte. Nunca estivera verdadeiramente doente desde a infância e a experiência foi deliciosa. Ir da cama à casa de banho era como percorrer, cambaleante, todos os labirínticos corredores de um transatlântico. Vivi diversas vidas nos poucos dias que a febre durou. Foram as minhas únicas férias no sepulcro a que se chama lar. A outra única divisão que conseguia suportar era a cozinha. Lembrava uma cela prisional confortável e, como um preso, lá me sentava muitas vezes sozinho, até altas horas da noite, a planear a fuga. Lá se me juntava também, por vezes, o meu amigo Stanley, que lamentava, como se crocitasse, o meu infortúnio e matava todas as esperanças com farpas azedas e mal-intencionadas.

Foi aí que escrevi as cartas mais loucas jamais confiadas ao papel. Quem se julgar vencido, sem esperança e sem recursos, ganhe coragem comigo. Tinha uma caneta que arranhava, um frasco de tinta e papel — eram essas as minhas únicas armas. Escrevia tudo quanto me vinha à cabeça, fizesse ou não sentido. Depois de meter uma carta no correio subia a escada, deitava-me ao lado da minha mulher e, de olhos abertos, fitava a escuridão, como se tentasse ler o meu futuro. Dizia a mim próprio, vezes sem conta, que uma mulher não podia, com certeza, recusar um homem sincero e desesperado como eu, se ele a amava com todo o seu coração, se estava pronto

a cortar as orelhas e a mandar-lhas pelo correio, se derramava no papel o sangue das próprias veias, se a saturava com a necessidade e o desejo que tinha dela, se a assediava incansavelmente. O mais feio, o mais fraco e o menos merecedor dos homens tinha, por força, de triunfar se estava disposto a entregar a última gota do seu sangue. Nenhuma mulher pode resistir à dádiva do amor absoluto.

Voltei ao salão de baile e encontrei um bilhete à minha espera. Tremi, ao ver a sua caligrafia. O bilhete era breve e explícito: esperava-me na Times Square, defronte do *drugstore*, à meia-noite do dia seguinte. Agradecia-me que deixasse de lhe escrever para casa.

Tinha um pouco menos de três dólares na algibeira quando nos encontramos. Cumprimentou-me de modo rápido e desenvolto. Nem uma alusão à minha visita a sua casa, ou às cartas, ou às prendas. Perguntou-me aonde gostaria de ir, depois de uma breve troca de palavras. Confesso que não fazia a mínima ideia. Ainda nem me compenetrara inteiramente de que a tinha ali em carne e osso, a falar comigo, a olhar para mim. «Vamos ao restaurante do Jimmy Kelly», decidiu, lançando-se em meu socorro. Agarrou-me no braço e conduziu-me para a beira do passeio, onde estava um táxi à espera. Deixei-me cair no banco, esmagado pela sua simples presença. Não tentei beijá-la nem sequer pegar-lhe na mão. O facto de ela ter comparecido era o mais importante. Era tudo.

Demorámo-nos até às primeiras horas da manhã, a comer, a beber e a dançar. Falámos despreocupada e compreensivamente. Eu não sabia mais a seu respeito, a respeito da sua vida real, do que soubera antes, mas isso não se devia a nenhuma reserva da sua parte; era consequência daquele momento tão pleno que nada, nem passado nem futuro, parecia importante.

Quase morri, quando me apresentaram a conta.

Para ganhar tempo, pedi mais bebidas. Confessei-lhe que tinha pouco mais de dois dólares comigo e ela sugeriu-me que pagasse com um cheque, pois aceitá-lo-iam, com certeza, em virtude de estar na sua companhia. Tive de lhe explicar que não tinha livro de cheques, que não tinha nada além do meu salário. Em resumo, fiz uma confissão completa.

Mas, enquanto a punha ao corrente da triste situação, germinou-me uma ideia no bestunto. Pedi licença e fui à cabina telefónica. Liguei para a sede da empresa telegráfica e roguei ao chefe de serviço noturno, que era meu amigo, que me enviasse imediatamente um mensageiro com cinquenta dólares. Era muito dinheiro para tirar da caixa e ele sabia que eu não merecia grande confiança, mas contei-lhe uma história aflitiva e jurei que lhe pagaria antes de o dia findar.

Por acaso o mensageiro, o velho Creighton, ex-ministro do Evangelho, também era meu amigo. Pareceu deveras surpreendido por me encontrar em semelhante lugar e a semelhante hora, e enquanto eu assinava o recibo perguntou-me, em voz baixa, se estava certo de que os cinquenta dólares chegavam.

— Posso-lhe emprestar algum, do meu bolso — acrescentou. — Seria um prazer para mim ser-lhe útil.

— De quanto pode dispor? — inquiri, a pensar na tarefa que me esperava, de manhã.

— Posso emprestar-lhe mais vinte e cinco — respondeu, sem hesitar.

Aceitei e agradeci-lhe efusivamente. Paguei a conta, dei uma gorjeta generosa ao criado e apertei a mão ao gerente, ao subgerente, ao *bouncer*¹, à menina do vestiário, ao porteiro e a um pedinte que estava de pata estendida. Metemo-nos num táxi e, quando ele arrancou, Mara subiu impulsivamente para cima de mim e escarranchou-se-me no colo. Lançámo-nos numa fornicação louca, com o carro aos trancos e solavancos, os nossos dentes a chocarem uns com os outros, línguas mordidas e o suco a escorrer dela como sopa quente. Ao passarmos a toda a velocidade por um mercado ao ar livre do outro lado do rio, ao nascer do dia, captei o olhar estupefacto de um polícia. «Está a clarear, Mara», avisei, e tentei soltar-me, suavemente. «Espera, espera», suplicou-me, arquejante e a agarrar-me furiosamente, e mergulhou num orgasmo prolongado, durante o qual receei que me gastasse a gaita. Por fim desmontou e deixou-se cair no seu canto, com o

¹ Empregado de hotéis, restaurantes, etc., nos EUA, encarregado de expulsar clientes turbulentos ou indesejáveis. (*N. do T.*)

vestido ainda levantado por cima dos joelhos. Inclinei-me para a abraçar de novo e, ao mesmo tempo, passei-lhe a mão pela rata húmida. Agarrou-se-me como uma sanguessuga, a sacudir o traseiro escorregadio num frenesi de abandono. Senti o sumo quente escorrer-me por entre os dedos. Tinha os quatro dedos enfiados entre as suas pernas, a agitar o musgo líquido percorrido por espasmos elétricos. Mara teve dois ou três orgasmos e deixou-se cair de novo para trás, exausta, a sorrir-me debilmente como uma gazela apanhada numa armadilha.

Passados momentos tirou o espelho e começou a empoar a cara. De súbito, vi-lhe uma expressão assustada, seguida por um rápido virar de cabeça. No instante imediato estava de joelhos no banco, a espreitar pelo vidro de trás. «Vem alguém a seguir-nos», declarou. «Não olhes!» Sentia-me tão fraco e tão feliz que não liguei importância nenhuma. «Um bocadinho de histeria», pensei para comigo, calado, mas a observá-la atentamente, enquanto ela dava ao motorista ordens rápidas e convulsivas, para ir por aqui e por ali, mais depressa, mais depressa. «*Por favor, por favor!*», suplicava-lhe, como se fosse um caso de vida ou de morte. «Minha senhora», ouvi-o dizer-lhe, como se falasse de muito longe, de qualquer outro veículo de sonho, «não posso ir mais depressa... Tenho mulher e um filho... lamento.»

Peguei-lhe na mão e apertei-lha devagarinho. Esboçou um gesto, como quem diz: «Tu não sabes... não imaginas... isto é terrível.» Não era ocasião para lhe fazer perguntas. De súbito, tive consciência de que estávamos em perigo. De súbito, somei dois e dois, à minha maneira maluca. Refleti, rapidamente... «Ninguém nos segue... aquilo é tudo conversa destravada... mas alguém a persegue, disso não há dúvida... cometeu um crime, um crime grave, ou talvez até mais do que um... nada do que diz faz sentido... fui apanhado numa teia de mentiras... apaixonei-me por um monstro, pelo monstro mais encantador que se possa imaginar... devia deixá-la agora, imediatamente, sem uma palavra de explicação... caso contrário estou perdido... ela é insondável, impenetrável... devia ter adivinhado que a única mulher do mundo sem a qual não posso viver estava marcada pelo mistério... Sai já... salta... salva-te!»

Senti a mão dela na minha perna, a excitar-me deliberadamente. Tinha o rosto descontraido e os olhos muito abertos, como luas cheias, cintilantes de inocência... «Eles foram-se embora», disse-me. «Agora já está tudo bem.»

«Não está nada bem», pensei. «Estamos apenas a começar. Mara, Mara, para onde me levas? É fatal, é ominoso, mas pertence-te de corpo e alma e tu levar-me-ás aonde quiseres, entregar-me-ás ao meu carcereiro, contuso, esmagado, desfeito. Para nós não há entendimento final. Sinto o terreno fugir-me debaixo dos pés...»

Ela nunca foi capaz de adivinhar os meus pensamentos, nem então nem depois. Mas sondava a uma profundidade maior do que a do pensamento, lia cegamente como se possuísse antenas. Sabia que eu estava destinado a destruir e que também a destruiria, no fim. Sabia que, fosse qual fosse o jogo que tencionasse jogar comigo, encontrava parceiro à sua altura. Aproximámo-nos da sua casa. Chegou-se mais para mim e, como se tivesse interiormente um interruptor que manejava a seu grado, fez incidir em mim toda a radiância incandescente do seu amor. O motorista parara. Ela disse-lhe que subisse um pouco a rua e esperasse. Estávamos frente a frente, de mãos dadas e joelhos a tocarem-se. Corria-nos fogo nas veias. Ficámos assim vários minutos, como se executássemos qualquer antigo ritual, com o silêncio interrompido apenas pelo vibrar do motor.

— Amanhã telefone-te — prometeu, inclinando-se impulsivamente para um último abraço, e depois murmurou-me ao ouvido: — Estou a apaixonar-me pelo homem mais estranho do mundo. És tão meigo que me assustas. Aperta-me com força... acredita sempre em mim... sinto-me quase como se estivesse com um deus.

Enquanto a abraçava e tremia com o calor da sua paixão, o meu pensamento libertou-se, soltou-se do abraço, eletrizado pela minúscula semente que ela implantara em mim. Algo que estivera acorrentado, algo que lutara em vão para se impor desde que, criança, levara o meu ego para a rua, para uma vista de olhos, libertou-se e subiu, veloz como um foguete, pelos ares. Um novo ser fenomenal irrompia com alarmante rapidez do alto da minha cabeça, da coroa dupla que me pertencia desde o nascimento.